

Nação Cariri x Marta Campos

Porta-voz do "Nação" volta e contesta.
E procura definir os rumos do movimento e do grupo

PRATICAR É PRECISO - Impossível perder o bom humor, crítica Marta Campos! Não fazer diferença entre internacionalismo e internacionalização é a mesma coisa que confundir judaísmo com judiação. Para isso não precisa recorrer a nenhuma lei científica, basta ir ao "pai dos burros". Transcrevo do "Aurélio": "Internacionalismo, s. m. Sistema de política internacional; doutrina política dos que pregam a aliança internacional das classes sociais, por oposição ao nacionalismo, que cultiva preferentemente o sentimento da pátria". "internacionalização, s. f. Ato ou efeito de internacionalizar". "Internacionalizar, v. t. Tornar internacional; ; difundir por várias nações; p. tornar-se internacional".

Isto sim, cara crítica, seria uma judiação, virar pelo avesso sua graforréia e por a nu o primarismo de seus erros. Logo você, tão ciosa das regras e do rigor científico, atrapalhando os conceitos! Mas pode estar tranquila porque eu não o farei. Bastou uma vez. Mesmo porque seus desaforos e acusações sem fundamentação são os mesmos, encascados por alguns termos afetados, agora parecendo mais arenga de grã-fina. Não cabe a nós explicar que não somos autoritários, manipuladores, semiletrados, teleguiados, patrulheiros, aproveitadores paternalistas, etc. (velhões chavões da crítica conservadora lançados toda vez que um trabalho cultural tenta se alicerçar em bases populares), cabe a você provar.

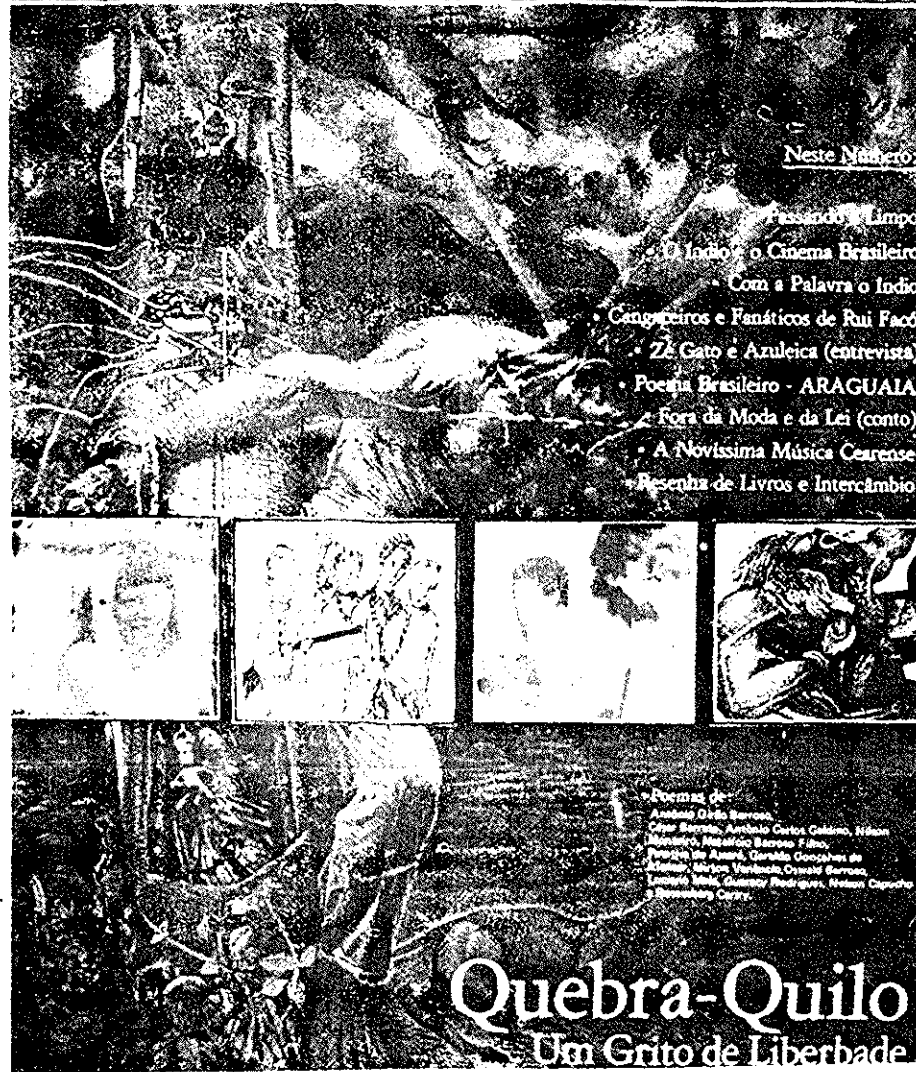
Ao tentar negar o primarismo de seu erro em não aceitar o conceito de regional, na única tentativa verdadeira de argumentar teoricamente durante toda a sua arenga, a crítica diz que "as coisas são simples e claras demais antes de serem problematizadas". Engano, cara crítica, as coisas são complexas e problemáticas, só vão se clarificando e se tornando mais simples a medida em que vamos resolvendo os problemas apresentados por elas e, desse modo, conhecendo-as melhor. Exatamente ao contrário do que quer a rigorosa crítica. Somente com os academicistas burocratas de gabinete acontece de através do estudo irem complicando mais as coisas. Porque, dissociados dos reais problemas que nos coloca a realidade, inventam falsas questões para afinal enredarem-se em inúteis e equivocados teorismos. Caem em linguagens cifradas, correntes apenas entre uma pequena elite, elegem-se proprietários do saber e sob essas carapuças escondem a fragilidade de seus conhecimentos.

Esse é o ambiente mais propício para proliferar a crítica acadêmica, a indústria da tese, a troca de cargos e benesses, o charlatanismo literário e o carreirismo, longe do crivo do movimento real da sociedade e da opinião popular, não em um movimento como o em que está envolvido o Nação Cariri.

Só para os ingênuos as coisas são simples, necessitadas da gente complicar

NAÇÃO CARIRI

UM JORNAL DE CULTURA E IDÉIA



Oswald Barroso defende as propostas do Nação Cariri, a prática do grupo e assegura a permanência dos seus objetivos

para poder escrever teses. De problemas já bastam os que existem, para que inventar outros? E através de nossa prática artística, cultural, social, política, psicológica, etc, que nos deparamos com eles. É a realidade que nos coloca a necessidade de estudá-los na busca de suas superações e daí se enriquece nosso conhecimento teórico. Para conhecer, não basta ler livros (e nós sabemos que é preciso lê-los sempre) é necessário lançar-se à prática, tentar construir algo, buscar erquer uma obra, fazer nosso saber existir socialmente, ser a nossa arte fator de ajuda para que melhore a vida humana.

As propostas culturais que encerram a linha editorial do Nação Cariri, não foram engendradas em gabinete e muito menos por "profetas bárbaros e semiletrados" (como quer a crítica talvez referindo-se a Antonio Conselheiro e Beato José

Lourenço, numa demonstração de seu ranço elitista). Nasceu da procura de sistematização teórica de nossos estudos e experiências práticas desenvolvidas anos a fio, estimulados pela necessidade de resistir ao colonialismo cultural e à manipulação elitista da arte e literatura, buscando forjar uma nova consciência artística, especialmente no Ceará.

Daí porque essas propostas, assentadas principalmente nas páginas do "Nação", sejam consistentes, embora não acabadas, pois a cada passo dado em nossas atividades surgem novas questões a serem respondidas. Alguma vez já passou pela cabeça da crítica, por exemplo, buscar saber até que ponto a marca medievalista na cultura nordestina tem parte na majoritária votação conservadora, ocorrida no último pleito principalmente no sertão de nossa região? Pois é, isso nos preocupa.

Muitos dos que a participam do Nação

Cariri estão ligados a trabalhos junto à cultura popular há anos (alguns há mais de uma dezena). Experiências numerosas, através da busca coletiva em pesquisas, em práticas teatrais e cinematográficas, em promoção de espetáculos, estudo prolongado e procura de sistematização das experiências, etc, e inclusive de convivência cotidiana. Não somos cristãos novos, temos bagagem para chegar à conclusão, queira ou não a crítica. Temos opiniões formadas sobre várias questões referentes à atividade cultural, no que diz respeito ao Nação Cariri é uma conquista, não auto-suficiência ou autoritarismo.

Conhecer não é só estudar (decorar) para a prova e tirar dez. É também saber como armar um circo num terreno baldio da periferia, improvisar um tripé e inventar mil recursos com uma filmadora barata, ou fazer o público raciocinar durante a declamação de um poema de cima de um caminhão, na Praça do Ferreira. Nós estudamos para resolver problemas concretos de nossa luta cultural. Não é de hoje que fazemos espetáculos populares.

Será puro acaso, espetáculos em Fortaleza onde as estrelas são artistas que nunca tiveram as benesses da publicidade das multinacionais, lotarem auditórios? Será que os insistentes pedidos que recebemos de bairros e cidades do interior para fazer pequenas apresentações populares, são mostras da não aceitação de nossos trabalhos? Por que fazer espetáculos no Paulo Sarasate não é manipulação autoritária e fazer no meio da rua é? A frustração da crítica é nada saber fazer, além de criticar.

Nação Cariri se afirma como um movimento desenvolvendo-se em torno do seu jornal. Temos nossas propostas, nossos debates e nosso processo de ação. Nos reservamos ao direito de tê-los. Todos conhecem nossas opiniões bastante amplas para publicarmos desde um livro de sonetos românticos, até um livro de denúncias sociais. Nossas portas estão abertas para quem se aproxime de nossas propostas.

Mas não somos nem fechados, nem exclusivistas, defendemos a ampla democracia de expressão, participamos de movimentos, e de atividades com os mais diferentes grupos, já temos colaborado em boa quantidade de eventos culturais ocorridos na cidade, sem nunca tomarmos iniciativas de discriminação. Isso o digam os organizadores da "Chuva poética", por exemplo, ou os dois shows culturais na Universidade.

Agora mesmo, junto com dezenas de outros artistas e intelectuais do Estado, estamos empenhados em encontrar forma de união de esforços das mais diversas áreas e grupos, com o objetivo fundamental de promover por todas as formas as atividades culturais cearenses, dentro e fora do Estado, sem restrições de nenhuma natureza. Vamos em frente, apesar do patrulhamento e da crítica! □

521R00048